

**Ashley
Audrain**

O Impulso

TRADUÇÃO
Lígia Azevedo

**PA
RA
LE
IA**

Para Oscar e Waverly

Diz-se com frequência que o primeiro som que se ouve no útero é o das batidas do coração da mãe. Na verdade, o primeiro som que faz vibrar o aparato auditivo recém-desenvolvido é o do sangue da mãe pulsando nas veias e artérias. Vibramos com esse ritmo primordial antes mesmo de ter orelhas para ouvir. Antes da concepção, experimentamos uma existência parcial como óvulo no ovário da mãe. Todos os óvulos que uma mulher produzirá se formam quando ela é um feto de quatro meses no útero da mãe. Isso significa que nossa vida celular como óvulo tem início no útero de nossa avó. Todos passamos cinco meses no útero da avó, que por sua vez foi formada no útero da avó dela. Já vibrávamos ao ritmo do sangue de nossa mãe antes que ela mesma nascesse [...].

*When the Drummers Were Women:
A Spiritual History of Rhythm, Layne Redmond*

Sua casa brilha à noite como se tudo dentro pegasse fogo.

As cortinas que ela escolheu parecem de linho. De linho caro. A trama é aberta o bastante para que eu quase sempre possa identificar o estado de espírito de vocês. Consigo ver o rabo de cavalo da menina balançando enquanto ela termina a lição de casa. Consigo ver o menininho jogando bolas de tênis contra o teto a três metros e meio de distância, enquanto a sua esposa, de calça legging, se agacha na sala de estar, arrumando a bagunça do dia. Os brinquedos de volta ao cesto. As almofadas de volta ao sofá.

Esta noite, no entanto, vocês deixaram as cortinas abertas. Talvez para ver a neve caindo. Talvez para sua filha poder procurar renas no céu. Faz tempo que ela parou de acreditar, mas finge que acredita por você. Qualquer coisa por você.

Vocês estão todos muito arrumados. As crianças usam xadrez combinando e ficam sentadas na otomana de couro enquanto sua esposa tira uma foto delas com o celular. A menina segura a mão do menino. Você mexe na vitrola no fundo do cômodo. Sua esposa fala alguma coisa, mas você levanta um dedo — está quase conseguindo. A menina pula, sua esposa pega o menino, e eles giram. Você ergue um copo com uísque e dá um, dois goles, então se afasta da vitrola como se ela fosse um bebê dormindo. É sempre assim que você começa a dançar. Você o pega. Ele joga a cabeça para trás. Você o vira de cabeça para baixo. Sua filha se

estica para ganhar um beijo do pai, e sua esposa segura o copo para você. Ela se aproxima da árvore e ajeita as luzinhas para que fiquem perfeitas. Então vocês todos param, inclinam-se uns para os outros e gritam algo em uníssono, alguma palavra, em perfeita sincronia, depois todos voltam a se mover — conhecem bem a música. Sua esposa deixa o cômodo e a cabeça do filho dela a segue, automaticamente. Eu me lembro dessa sensação. De ser necessária.

Fósforos. Ela volta para acender as velas sobre a cornija decorada da lareira, e eu me pergunto se os ramos retorcidos de pinheiro são reais, se cheiram a árvore. Por um momento, permito-me imaginar a mim mesma vendo os ramos queimando enquanto vocês dormem. Visualizo o brilho morno e amarelomanteiga da sua casa se transformando num vermelho quente e crepitante.

O menino pegou um tiçoeiro, que a menina tira dele com cuidado, antes que você ou sua esposa percebam. A boa irmã. Prestativa. Protetora.

Não costumo ficar olhando por tanto tempo, mas vocês estão tão lindos esta noite que não consigo me convencer a ir embora. A neve é do tipo que se aglutina, do tipo que ela pode usar para fazer um boneco de neve pela manhã e assim agradar o irmão mais novo. Ligo o limpador de para-brisa, mexo no aquecedor, noto que o relógio passa de 19h29 para 19h30. É quando você leria para ela *O Expresso Polar*.

Sua esposa está na poltrona agora, vendo vocês três pulando pelo cômodo. Ela ri e passa os cachos soltos e compridos para um lado. Cheira seu copo e deixa a bebida de lado. Ela sorri. Você está

de costas para ela, de modo que não consegue ver o que eu vejo, que ela tem uma mão apoiada sobre a barriga, que a acaricia com toda a delicadeza e então baixa os olhos, imersa em pensamentos relacionados ao que cresce dentro dela. São células. Mas elas são tudo. Você se vira, e a atenção dela retorna à sala. Às pessoas que ama.

Ela vai contar a você amanhã.

Ainda a conheço tão bem.

Baixo os olhos para colocar as luvas. Quando volto a levantá-los, a menina está parada diante da porta aberta da casa. Seu rosto é parcialmente iluminado pela lanterna acima do número da casa. O prato que ela segura está cheio de cenouras e biscoitos. Você vai deixar migalhas sobre o piso do vestíbulo. Vai se deixar levar, e ela também.

Agora ela olha para mim, sentada no carro. Ela treme. O vestido que sua esposa comprou para ela é pequeno demais, e vejo que seus quadris estão se alargando e seu peito está desabrochando. Com uma única mão, ela passa com cuidado o rabo de cavalo por cima do ombro, e é mais um gesto de mulher que de menina.

Pela primeira vez na vida, acho que nossa filha se parece comigo.

Desço o vidro da janela do carro e ergo uma mão, em cumprimento, um cumprimento secreto. Ela coloca o prato a seus pés, depois se endireita e olha para mim antes de se virar e voltar para dentro. Para a família dela. Fico esperando as cortinas se fecharem de repente, e você vir à porta saber por que diabos estou estacionada do lado de fora de sua casa, em uma noite como esta. E o que eu poderia dizer? Que me sentia sozinha? Que estava com

saudade dela? Que merecia ser a mãe dentro da sua casa iluminada?

Em vez disso, ela volta decidida para a sala, onde você persuadiu sua esposa a se levantar da poltrona. Enquanto dançam juntos, próximos, suas mãos tocando sensualmente a parte de trás da blusa dela, nossa filha pega a mão do menino e o conduz até o meio da janela da sala. Como uma atriz indo para sua marca no palco. Ambos enquadrados precisamente.

Ele parece com Sam. Tem os olhos dele. E aquela onda de cabelo escuro que termina em um cacho, o cacho que eu costumava enrolar no dedo sem parar.

Eu me sinto mal.

Nossa filha está olhando pela janela, olhando para mim, com as mãos nos ombros do seu filho. Ela se inclina e beija a bochecha dele. Então beija de novo. E de novo. O menino gosta do afeto. Está acostumado com isso. Ele aponta para a neve caindo, mas ela não tira os olhos de mim. Ela acaricia seus braços, como se para esquentá-lo. Como uma mãe faria.

Você vem até a janela e se ajoelha para ficar na altura do menino. Olha para fora e para cima. Meu carro não chama sua atenção. Como seu filho, você aponta para os flocos de neve, e traça um caminho no céu com o dedo. Está falando do trenó. Das renas. Ele vasculha a noite, tentando ver o que você vê. Você faz cosquinha debaixo do queixo dele. Ela continua olhando para mim. Eu percebo que me recostei no banco do carro. Engulo em seco e finalmente interrompo o contato visual. Ela sempre vence.

Quando volto a olhar, ela continua ali, com os olhos fixos no carro.

Penso que ela iria até a cortina, mas não. Dessa vez, meus olhos não deixam os seus. Eu pego a pilha grossa de papéis no

banco do passageiro e sinto o peso das minhas palavras.

Vim entregar isto a você.

Este é o meu lado da história.

1

Você arrastou a cadeira para mais perto e bateu no meu livro com a ponta do lápis. Eu olhei para a página, hesitando em levantar os olhos. “Oi?”, respondi, como se atendesse ao telefone. Isso te fez rir. Então ficamos ali, dando risadinhas, dois desconhecidos em uma biblioteca universitária, estudando para a mesma disciplina optativa. Devia haver centenas de alunos na classe — eu nunca tinha te visto. Seus cachos caíam sobre seus olhos, e você os enrolou no lápis. Seu nome era tão peculiar. Você me acompanhou até em casa aquela tarde, e ficamos em silêncio. Você não escondia que estava interessado, sorrindo para mim de vez em quando. Eu nunca havia recebido aquele tipo de atenção. Você beijou minha mão do lado de fora do meu dormitório, o que nos fez rir outra vez.

Logo tínhamos vinte e um anos e éramos inseparáveis. Faltava menos de um ano para nossa formatura. Passamos esse tempo dormindo juntos na minha cama e estudando em cantos opostos do sofá, com as pernas entrelaçadas. Íamos a bares com nossos amigos, mas sempre acabávamos na cama cedo, na novidade do calor um do outro. Eu quase não bebia, e você já tinha curtido o bastante — você só queria a mim. Ninguém do meu mundo parecia se importar muito. Eu tinha um círculo pequeno de

amigos, que estavam mais para conhecidos. Vivia tão focada em manter minhas notas altas por causa da bolsa estudantil que não tinha tempo para a vida social típica da universidade, tampouco interesse nisso. Creio que não me aproximei muito de ninguém naqueles anos, até te conhecer. Você me ofereceu algo diferente. Escapamos da órbita social, felizes em ser tudo o que o outro precisava.

O conforto que eu encontrava em você me consumia. Eu não tinha nada quando te conheci, então de repente você se tornou meu tudo. Não que você não merecesse isso — você merecia. Você era gentil, atencioso e me apoiava. Foi a primeira pessoa para quem contei que queria ser escritora, e seu comentário foi: “Não consigo imaginar você sendo outra pessoa”. Eu adorava a maneira como as garotas olhavam para nós, como se devessem ficar com inveja. Cheirava seus cabelos escuros e sedosos enquanto você dormia à noite e passava o dedo ao longo da sua mandíbula para te acordar de manhã, sentindo sua barba por fazer. Você era um vício.

No meu aniversário, você fez uma lista de cem coisas que amava em mim. *14. Amo como você ronca um pouquinho bem quando está pegando no sono. 27. Amo o jeito lindo como você escreve. 39. Amo traçar meu nome com o dedo nas suas costas. 59. Amo dividir um muffin com você a caminho da aula. 72. Amo a animação com que você acorda aos domingos. 80. Amo te ver terminar um bom livro e o segurar contra o peito. 92. Amo como você vai ser uma ótima mãe um dia.*

“Por que acha que vou ser uma boa mãe?” Deixei a lista de lado, sentindo por um momento que talvez você não me conhecesse nem um pouco.

“Por que não seria?” Você cutucou minha barriga, brincando. “Você é atenciosa. E querida. Mal posso esperar pra ter filhos com você.”

Não pude fazer nada além de forçar um sorriso.

Nunca conheci ninguém com um coração tão ávido quanto o seu.

“Um dia você vai entender, Blythe. As mulheres desta família... nós somos diferentes.”

Ainda posso ver o batom cor de tangerina da minha mãe no filtro do cigarro. As cinzas caindo no copo, nadando no último gole do meu suco de laranja. O cheiro de torrada queimada.

Você só perguntou sobre minha mãe, Cecilia, em algumas poucas ocasiões. Só te contei os fatos: (1) ela foi embora quando eu tinha onze anos, (2) só a vi duas vezes depois disso, e (3) eu não tinha ideia de onde ela estava.

Você sabia que eu tinha mais o que contar, só que nunca insistia — tinha medo do que poderia ouvir. Eu compreendia. Todos temos o direito de alimentar certas expectativas em relação aos outros e a nós mesmos. Com a maternidade não é diferente. Todos esperamos ter uma boa mãe, nos casar com uma boa mãe, ser uma boa mãe.

1939-58

Etta nasceu exatamente no dia em que a Segunda Guerra Mundial começou. Seus olhos eram como o oceano Atlântico e seu rosto era vermelho e redondo desde o início.

Ela se apaixonou pelo primeiro garoto que conheceu, o filho do médico da cidade. Seu nome era Louis, ele era educado e falava bem — o que não era comum entre os meninos que Etta conhecia. Louis não era do tipo que ligava para o fato de Etta não ter sido agraciada com a beleza ao nascer. Louis a acompanhou até a escola com uma mão atrás das costas do primeiro ao último dia de aula dos dois. E Etta ficava encantada com esse tipo de coisa.

A família de Etta possuía centenas de acres de milharais. Quando ela completou dezoito anos e disse ao pai que queria se casar com Louis, ele insistiu que o futuro genro precisava aprender a cuidar de uma fazenda. O pai de Etta não tinha filhos homens e queria que Louis assumisse os negócios da família. Mas ela achava que ele só queria provar um ponto para o jovem: cuidar de uma fazenda era um trabalho difícil e respeitável. Não era para os fracos. E certamente não era para um intelectual. Etta escolhera para si alguém que não parecia em nada com seu pai.

Louis planejava ser médico, como seu próprio pai, e tinha recebido uma bolsa para cursar medicina. Mas ele queria a mão de Etta mais do que a licença para praticar. Apesar dos pedidos de Etta para que o pai fosse brando, ele fez Louis se matar de

trabalhar. O jovem acordava todo dia às quatro da manhã e saía para os campos úmidos de orvalho. Das quatro da manhã até o pôr do sol, e ele nunca reclamou, como Etta gostava de lembrar. Louis vendeu a maleta de médico e os livros de referência que seu próprio pai havia lhe deixado e guardou o dinheiro em um pote sobre a bancada da cozinha. Ele disse a Etta que era o início de uma poupança para a faculdade de seus futuros filhos. Ela achou que aquilo dizia muito sobre o tipo de homem abnegado que Louis era.

Um dia de outono, antes de o sol se levantar, Louis se feriu na ensiladeira. Ele sangrou até a morte, sozinho no milharal. O pai de Etta o encontrou e mandou que ela fosse cobrir o corpo com uma lona do celeiro. Etta carregou a perna mutilada de Louis de volta para casa e a atirou na cabeça do pai, enquanto ele enchia um balde de água para limpar o sangue da máquina.

Etta não contou à família sobre a criança que crescia dentro dela. Ela era uma mulher grande, trinta quilos acima do peso, e escondeu bem a gravidez. A bebê, Cecilia, nasceu quatro meses depois, no chão da cozinha, em meio a uma tempestade de neve. Etta ficou encarando o pote com o dinheiro sobre a bancada acima dela, enquanto fazia força para a bebê sair.

Etta e Cecilia viviam tranquilamente na casa da fazenda, raras vezes se aventurando na cidade. Quando o faziam, não era difícil ouvir todos sussurrando sobre a mulher que “sofria dos nervos”. Naqueles dias, não se dizia muito mais — não se suspeitava de muito mais. O pai de Louis fornecia um suprimento regular de sedativos à mãe de Etta, para que ela os desse à filha conforme julgasse necessário. Etta passava a maior parte dos dias na pequena cama de latão do quarto em que crescera, enquanto sua mãe cuidava de Cecilia.

Mas Etta logo se deu conta de que nunca conheceria outro homem se continuasse deitada na cama e dopada daquele jeito. Ela aprendeu a funcionar bem o bastante e eventualmente começou a tomar conta de Cecilia. Etta empurrava o carrinho pela cidade enquanto a pobre menina gritava pela avó. Ela dizia às pessoas que sofria de uma dor estomacal crônica e terrível, que não pudera comer por meses seguidos, e por isso havia emagrecido tanto. Ninguém acreditava, mas Etta não se importava com as fofocas indolentes. Tinha acabado de conhecer Henry.

Henry era novo na cidade e frequentava a mesma igreja que ela. Ele gerenciava uma equipe de sessenta pessoas em uma fábrica de doces. Gostara de Etta assim que a conhecera — ele adorava bebês, e Cecilia era especialmente encantadora, então acabou não sendo o problema que todos diziam que seria.

Não muito depois, Henry comprou para eles uma casa em estilo Tudor com detalhes em verde-menta no meio da cidade. Etta deixou de vez a cama de latão e recuperou todo o peso que havia perdido. Dedicou-se por completo a transformar a casa em um lar para sua família. Ali havia uma varanda robusta com um balanço, cortinas rendadas em todas as janelas e cookies com gotas de chocolate sempre no forno. Um dia, a mobília da sala de estar foi entregue na casa errada, e a vizinha deixou que os homens a colocassem em seu porão, ainda que não a tivesse comprado. Quando Etta descobriu, correu pela rua atrás do caminhão, com um penhoar e bobes no cabelo, gritando profanidades. Aquilo fez todo mundo rir, inclusive, ao fim, ela mesma.

Ela se esforçou muito para ser a mulher que esperavam que fosse.

Uma boa esposa. Uma boa mãe.

Parecia que tudo ia ficar bem.

2

Coisas que vêm à mente quando penso no começo do nosso relacionamento:

Sua mãe e seu pai. Talvez isso não fosse tão importante para outras pessoas, mas você vinha com uma família. Minha única família. Presentes generosos, passagens de avião para passar as férias com todos vocês em algum destino ensolarado. A casa deles sempre cheirava a lençóis lavados e quentinhos, e eu nunca queria ir embora. O modo como sua mãe tocava as pontas dos meus cabelos me fazia ter vontade de me sentar no colo dela. Às vezes, parecia que ela me amava tanto quanto amava você.

O fato de aceitarem sem questionar quando eu dizia onde meu pai estava, e a ausência de julgamento quando ele recusou o convite para passar o fim do ano conosco eram bondades pelas quais eu era grata. Cecilia, é claro, nunca era um assunto; você havia tomado o cuidado de falar com eles a esse respeito antes de me trazer em casa. (*Blythe é maravilhosa. De verdade. Mas só para vocês saberem...*) Vocês não fofocavam entre si a respeito de minha mãe; nenhum de vocês se interessava por nada desagradável.

Vocês eram tão perfeitos.

Você chamava sua irmã de “querida”, e ela te adorava. Você ligava para eles toda noite, e eu ficava ouvindo do corredor, desejando poder escutar o que sua mãe dizia que te fazia rir daquele jeito. Você os visitava a cada dois fins de semana, para ajudar seu pai com a casa. Vocês se abraçavam. Você tomava conta dos seus priminhos. Sabia a receita de bolo de banana da sua mãe. Mandava um cartão para seus pais a cada aniversário de casamento. Meus pais nunca sequer haviam mencionado o casamento deles.

Meu pai. Nem respondeu minha mensagem dizendo que eu não iria para casa naquele feriado de Ação de Graças, mas eu menti para você e disse que ele tinha ficado feliz por eu ter conhecido alguém e que mandara seus cumprimentos a sua família. Na verdade, não nos falávamos muito desde que eu e você havíamos nos conhecido. Eu e ele nos comunicávamos geralmente através de nossas secretárias eletrônicas, e mesmo isso havia se tornado uma série de trocas genéricas e sem graça, que me deixariam envergonhada se você ouvisse. Ainda não tenho certeza de como chegamos a esse ponto, eu e ele. A mentira era necessária, assim como a profusão de outras mentiras que eu havia contado para que você não desconfiasse de quão problemática minha família era. Família era algo importante demais para você — nenhum de nós podia pagar para ver como toda a verdade a respeito da minha família mudaria a forma como você me enxergava.

Aquele primeiro apartamento. Lá, o momento em que eu mais te amava era de manhã. O modo como você puxava o lençol sobre a cabeça, tal qual um capuz, e dormia mais um pouco, o cheiro

denso de menino que deixava nas fronhas. Eu acordava cedo na época, quase sempre antes de o sol nascer, e ia escrever nos fundos da pequena cozinha sempre tão fria. Vestia seu roupão e tomava chá em uma xícara que havia pintado para você num daqueles lugares de porcelana. Depois você chamava meu nome, quando o piso já tinha esquentado e a luz que atravessava a persiana era suficiente para você enxergar os detalhes do meu corpo. Você me puxava de volta para a cama e fazíamos experiências — você era ousado e assertivo, e sabia do que meu corpo era capaz antes que eu mesma soubesse. Você me fascinava. Sua confiança. Sua paciência. A necessidade primal que tinha de mim.

As noites com Grace. A única amiga da faculdade com quem mantive contato depois da formatura. Eu não deixava claro o quanto gostava dela, porque você parecia ter um pouco de ciúme do tempo que passávamos juntas e achava que bebíamos demais, embora eu me dedicasse muito pouco a ela, considerando como as amizades femininas são. Ainda assim, você deu flores para nós duas no Dia dos Namorados, naquele ano em que ela estava solteira. Eu a convidava para jantar mais ou menos uma vez por mês, e você ficava sobrando, sentado sobre o cesto de lixo virado de cabeça para baixo. Você sempre parava para comprar um bom vinho na volta do trabalho. Quando as fofocas começavam, quando ela pegava os cigarros, você educadamente pedia licença e abria um livro. Uma noite, ouvimos você falando com sua irmã na sacada, enquanto nós duas fumávamos do lado de dentro (dá para imaginar?). Ela havia terminado um relacionamento e ligara para o irmão, seu confidente. Grace me perguntou o que havia de

errado com você. Era ruim de cama? Esquentado? Tinha que haver alguma coisa, porque nenhum homem podia ser tão perfeito. Mas não havia. Não na época. Não que eu compreendesse. Usei a palavra “sorte”. Eu tinha sorte. Não tinha muita coisa, mas tinha você.

Nosso trabalho. Não falávamos a respeito na época. Eu invejava seu crescente sucesso e você sabia disso — você era sensível às diferenças entre nossas carreiras, nossas rendas. Você ganhava dinheiro e eu sonhava. Eu não havia feito quase nada desde que me formara, a não ser por alguns pequenos projetos freelancers, mas você nos sustentava generosamente e, quando me deu um cartão de crédito, disse apenas: “Use para o que precisar”. Àquela altura, você tinha sido contratado pelo escritório de arquitetura; fora promovido duas vezes só no tempo que eu levava para escrever três contos. Que não haviam sido publicados. Você saía para o trabalho com a aparência de alguém que pertencia a outra pessoa.

Minhas cartas de rejeição chegavam, como esperado — era parte do processo, você me lembrava, gentil e frequentemente. *Vai dar certo*. Sua fé incondicional em mim parecia mágica. Eu queria desesperadamente provar a mim mesma que era tão boa quanto você pensava. “Lê pra mim. Qualquer coisa que tenha escrito hoje. Por favor!” Eu sempre te fazia implorar, e você ria quando eu concordava, fingindo estar exasperada. Nossa rotina tola. Você se encolhia no sofá depois do jantar, exausto, ainda com a roupa do trabalho. Ficava de olhos fechados e sorria nas melhores frases, enquanto eu lia meu trabalho para você.

Na noite em que te mostrei meu primeiro conto publicado, sua mão tremeu quando pegou a revista de folhas grossas. Pensei nisso muitas vezes. No orgulho que tinha de mim. Eu veria aquela

mão trêmula anos depois, segurando a cabecinha molhada dela, marcada pelo meu sangue.

Mas antes disso:

Você me pediu em casamento no meu aniversário de vinte e cinco anos.

Com uma aliança que às vezes ainda uso na mão esquerda.

3

Nunca perguntei a você se gostou do meu vestido de casamento. Comprei usado, porque vi na vitrine de um brechó e não consegui tirá-lo da cabeça enquanto visitava butikues caras com a sua mãe. Você não sussurrou, como alguns noivos impressionados fazem, suando no altar enquanto balançam os pés: *Você está linda*. Nem mencionou meu vestido enquanto nos escondíamos atrás da parede de tijolos vermelhos nos fundos da propriedade, aguardando para entrar no pátio onde nossos convidados bebiam champanhe, falavam sobre o calor e se perguntavam quando viria o próximo canapé. Você mal conseguia tirar os olhos do meu rosto rosado e brilhante. Você mal conseguia tirar os olhos dos meus.

Eu nunca tinha te visto tão bonito, e posso fechar os olhos agora e te ver aos vinte e seis anos, com a pele radiante e o cabelo ainda caindo em cachos sobre a testa. Juro que você ainda não tinha perdido totalmente as bochechas redondas de criança.

Ficamos apertando a mão um do outro a noite toda.

Sabíamos tão pouco um sobre o outro, sobre as pessoas que nos tornaríamos.

Poderíamos ter contado nossos problemas nas pétalas da margarida do meu buquê, mas logo estaríamos perdidos em um campo cheio deles.

“Não vai ter mesa para a família da noiva”, eu entreouvira a assessora dizer em voz baixa para o homem que dispunha as cadeiras dobráveis e colocava os papeizinhos com os nomes dos convidados em seus lugares. Ele assentiu sutilmente.

Seus pais nos deram as alianças antes da cerimônia. Entregaram ambas em uma caixinha prateada que fora dada a sua bisavó pelo homem que ela amava e que havia ido para a guerra e nunca voltado. Dentro, ele havia mandado gravar para ela: *Violet, você sempre vai me encontrar*. Você disse: “Que nome lindo ela tinha”.

Sua mãe, envolta em um xale fino cor de estanho, fez um brinde: “Casamentos podem nos dispersar. Às vezes, não notamos para quão longe flutuamos até que, de repente, só resta água e horizonte, e parece que nunca mais encontraremos o caminho de volta”. Ela fez uma pausa e olhou para mim. “Ouçam as batidas do coração um do outro na corrente. Vocês sempre vão se encontrar. E assim sempre encontrarão a costa.” Ela pegou a mão do seu pai e você se levantou para erguer sua taça.

Acabamos fazendo amor aquela noite porque era o esperado. Estávamos exaustos. Mas parecia muito real. Tínhamos alianças de casamento, uma conta de bufê a pagar e dor de cabeça por conta de toda a adrenalina.

Eu o aceito para sempre, meu melhor amigo e minha alma gêmea, como meu parceiro na vida, em toda alegria e em toda dificuldade, e nas dezenas de milhares de dias que cairão em algum lugar entre esses extremos. Você, Fox Connor, é quem eu amo. Eu me comprometo com você.

Anos depois, nossa filha me viu enfiar o vestido no porta-malas do carro. Eu o levaria de volta ao lugar onde o havia encontrado.

4

Lembro exatamente como a vida era no período que se seguiu.

Os anos antes de nossa própria Violet chegar.

Jantávamos tarde no sofá, assistindo a programas de atualidades. Toda noite, Anderson Cooper. A comida apimentada comprada fora na mesinha de centro de mármore preto, com as quinas perigosas. Bebíamos taças de espumante às duas da tarde nos fins de semana, então cochilávamos até que um de nós acordasse, horas depois, com o barulho das pessoas lá fora indo para o bar. Fazíamos sexo. Cortávamos o cabelo. Eu lia a seção de viagens do jornal e sentia que fazia uma pesquisa, uma pesquisa realista sobre o próximo lugar para onde iríamos. Eu entrava em lojas chiques para dar uma olhada, com uma bebida quente e espumosa nas mãos. No inverno, usava luvas caras de couro italiano. Você jogava golfe com amigos. Eu me importava com política! Nós nos aconchegávamos na poltrona reclinável e achávamos gostoso ficar juntinhos. Eu via filmes e eles levavam minha mente para longe de onde eu estava. A vida era menos visceral. As ideias eram mais brilhantes. As palavras vinham mais fácil! Minha menstruação era leve. Você punha música para tocar, coisas novas, artistas que alguém havia mencionado para você enquanto bebiam uma cerveja em um estabelecimento repleto de adultos. O sabão da máquina de lavar não era orgânico, então nossas roupas tinham um cheiro campestre artificial. Íamos para

as montanhas. Você me perguntava como andava a escrita. Eu nunca olhava para outro homem e me perguntava como seria trepar com ele em vez de com você. Você dirigia um carro muito pouco prático todos os dias, até o quarto ou quinto dia de neve do ano. Você queria um cachorro. Prestávamos atenção aos cachorros na rua; parávamos para fazer carinho neles. O parque não era meu único alívio das tarefas da casa. Os livros que líamos não tinham imagens. Não pensávamos no impacto da tela da televisão no cérebro. Não compreendíamos que as crianças gostavam mais das coisas se fossem produzidas para um adulto usar. Achávamos que conhecíamos um ao outro. E achávamos que conhecíamos a nós mesmos.

5

O verão dos meus vinte e sete anos. Duas cadeiras dobráveis desgastadas na sacada que dava para o beco entre nosso prédio e o do lado. O cordão de lanternas de papel branco que eu havia pendurado de alguma forma tornara palpável o cheiro do lixo fermentado que se insinuava lá embaixo. Foi ali que você me disse, depois de algumas taças de vinho branco seco: “Vamos começar a tentar. Hoje à noite”.

Já tínhamos falado a respeito, muitas vezes. Você ficava todo alegre quando eu pegava o bebê de outra pessoa no colo ou me ajoelhava para brincar com uma criança. *Você leva jeito pra coisa.* Mas eu era a única que visualizava. A maternidade. Como seria. A sensação. *Combina com você.*

Eu seria diferente. Seria como outras mulheres, para quem tudo vinha fácil. Eu seria tudo o que minha própria mãe não era.

Ela mal passava pela minha cabeça naquela época. Eu me assegurava disso. E, quando ela aparecia sem ser convidada, eu a afastava. Como se ela fosse aquelas cinzas caindo no meu suco de laranja.

Naquele verão, já tínhamos alugado um apartamento maior, com dois quartos, em um prédio com um elevador muito lento; um carrinho não daria certo no prédio sem elevador em que morávamos. Chamávamos a atenção um do outro para coisas relacionadas a bebês com leves cutucões, nunca palavras.

Roupinhas da moda na vitrine das lojas. Irmãozinhos de mãos dadas. Havia expectativa. Havia esperança. Meses antes, eu tinha começado a ficar mais atenta à minha menstruação. A acompanhar minha ovulação. A marcar as datas na agenda. Um dia, encontrei rostinhos felizes desenhados ao lado dos meus círculos. Sua animação era cativante. Você ia ser um pai maravilhoso. E eu seria a mãe maravilhosa do seu filho.

Eu olho para trás e me admiro com a confiança que eu tinha na época. Não me sentia mais filha da minha mãe. Eu me sentia sua esposa. Fazia anos que eu vinha fingindo que era perfeita para você. Eu queria que você continuasse feliz. Queria ser qualquer outra pessoa que não a mãe que me deu à luz. E então queria um bebê também.

6

Os Ellington. Moravam a três portas da casa onde cresci, e seu gramado era o único na vizinhança que permanecia verde durante os verões secos e implacáveis. A sra. Ellington bateu na nossa porta exatamente setenta e duas horas depois de Cecilia ter me deixado. Meu pai ainda roncava no sofá onde dormia todas as noites havia um ano. Eu só me havia dado conta uma hora antes de que, daquela vez, minha mãe não voltaria para casa. Eu havia revistado sua cômoda, as gavetas do banheiro e o lugar onde ela escondia os pacotes de cigarro. Tudo o que importava para ela havia sido levado. Eu já sabia o bastante naquela época para não perguntar ao meu pai aonde ela tinha ido.

“Gostaria de vir comer um belo assado de domingo na nossa casa, Blythe?” Os cachos do cabelo dela pareciam brilhantes e definidos, recém-saídos do salão de beleza, e não tive como não responder diretamente a eles com uma confirmação de cabeça e um “obrigada”. Fui direto para a área de serviço e coloquei minha melhor roupa — um macacão azul-marinho e uma camiseta listrada colorida de gola rulê — na máquina de lavar. Eu tinha pensado em perguntar se meu pai podia ir também, mas a sra. Ellington era a mulher mais socialmente adequada que eu conhecia, então imaginei que, se ela não o incluía no convite, devia haver uma razão.

Thomas Ellington Jr. era meu melhor amigo. Não lembro quando lhe conferi essa distinção, mas, quando eu tinha dez anos, ele já era a única pessoa com quem eu queria brincar. Meninas da minha idade me deixavam desconfortáveis. Minha vida parecia muito diferente da delas — com seus forninhos de brinquedo, seus laços de cabelo feitos em casa, suas meias adequadas. Suas mães. Aprendi muito cedo que a sensação de ser diferente delas não era boa.

Mas os Ellington faziam com que eu me sentisse bem.

O convite da sra. Ellington indicava que, de alguma forma, ela tinha descoberto que minha mãe havia ido embora. Porque minha mãe não me deixava mais jantar na casa deles. Em algum momento, ela havia decidido que eu precisava estar em casa às quinze para a cinco todos os dias, embora não houvesse motivo para isso: o forno estava sempre frio e a geladeira, sempre vazia. Àquela altura, eu e meu pai comíamos mingau de aveia instantâneo na maioria das noites. Jogávamos por cima os envelopinhos de açúcar mascavo com que ele enchia os bolsos na lanchonete do hospital, no qual gerenciava o pessoal da limpeza. Meu pai tinha um salário razoável, pelo menos para os padrões locais. Mas não vivíamos de maneira razoável.

De alguma forma, eu havia aprendido que era educado levar um presente quando convidada para um jantar especial, então colhi um punhado de hortênsias no jardim da frente de casa, embora fosse fim de setembro e a maior parte das pétalas brancas estivesse seca. Amarrei os talos com um elástico de cabelo.

“Você é uma jovem tão atenciosa”, a sra. Ellington disse. Ela colocou as flores em um vaso azul e o posicionou com cuidado na mesa, em meio às travessas fumegantes.

Daniel, o irmão mais novo de Thomas, me adorava. Depois da escola, brincávamos com trens na sala, enquanto Thomas fazia a lição de casa com a mãe. Eu sempre deixava para fazer a minha depois das oito, quando Cecilia ou ia para a cama ou ia para a cidade e não voltava mais. Ela fazia isso com frequência — saía e só voltava no dia seguinte. Então a lição pelo menos me ocupava até meus olhos cansarem. O pequeno Daniel me fascinava. Ele falava como um adulto e aprendera a multiplicar com cinco anos. Eu lhe perguntava toda a tabela de multiplicação enquanto brincávamos sobre o tapete áspero laranja dos Ellington, impressionada com sua inteligência. A sra. Ellington vinha ouvir e sempre tocava minha cabeça e a dele antes de se afastar. *Bom trabalho, vocês dois.*

Thomas também era inteligente, mas de um jeito diferente. Ele inventava as histórias mais incríveis, as quais escrevíamos em caderninhos espiralados que a sra. Ellington comprava na loja da esquina. Depois fazíamos desenhos para acompanhar cada página. Passávamos semanas em cada livro — discutíamos com todo o cuidado o que desenhar em cada parte da história e então nos demorávamos apontando todos os lápis de cor da caixa. Uma vez, Thomas me deixou levar um livro para casa. Era uma história que eu amava, sobre uma família cuja mãe, linda e bondosa, ficava muito doente depois de contrair uma variedade rara e mortal de catapora. A família parte em sua última viagem de férias até uma ilha distante, onde encontra um minúsculo gnomo na areia, chamado George e que só fala em rimas. Ele promete conceder-lhes um desejo em troca de levarem-no de volta consigo para o outro lado do mundo. A família concorda e ele lhes dá o que pediram: *Sua mãe viverá para sempre, até o mundo acabar. Sempre que ficarem tristes, basta esta rimazinha entoar!* O gnomo

vive no bolso da mãe por toda a eternidade, e todos são felizes para sempre. Eu tinha desenhado a família com cuidado nas páginas do livro — parecia os Ellington, mas com um terceiro filho que não lembrava em nada os outros, uma menina com pele cor de pêssego, igual à minha.

Uma manhã, encontrei minha mãe sentada na beirada da minha cama. Ela folheava o livro, que eu havia escondido no fundo da gaveta.

“De onde veio isso?”, ela perguntou sem olhar para mim, parando na página em que eu havia me desenhado como parte da família negra.

“Eu fiz. Com Thomas. Na casa dele.” Fiz menção de pegar o livro das mãos dela, o meu livro. Era quase uma súplica. Ela puxou o braço para longe de mim e então jogou o livro na minha cabeça, como se as páginas espiraladas e tudo nelas a repugnassem. A quina cortou meu queixo, e o livro aterrissou no chão entre nós. Fiquei olhando para ele, constrangida. Por causa das ilustrações das quais ela não gostara, pelo fato de tê-lo escondido dela.

Minha mãe se levantou, com o pescoço fino esticado e os ombros para trás. Ela fechou a porta com cuidado atrás de si.

No dia seguinte, levei o livro de volta à casa de Thomas.

“Por que não quer ficar com ele? Você estava tão orgulhosa do que fizeram juntos.” A sra. Ellington o pegou das minhas mãos e viu que estava meio amassado. Ela alisou a capa com cuidado. “Tudo bem”, disse, balançando a cabeça, para que eu não precisasse responder. “Você pode guardar aqui.”

A sra. Ellington o colocou na estante da sala. Mais tarde, quando eu estava indo embora, notei que ele estava aberto na última página, virado de frente para o cômodo — a família de

cinco pessoas, incluindo eu, se abraçando, com uma explosão de coraçõezinhos vindos da mãe sorridente ao meio.

No jantar do domingo no qual minha mãe foi embora, eu me ofereci para limpar a cozinha com a sra. Ellington. Ela colocou uma fita cassete para tocar e cantou um pouquinho enquanto tirava a mesa e limpava a bancada. Fiquei olhando de canto de olho para ela, acanhada, enquanto eu lavava a louça. Em determinado ponto, a sra. Ellington parou e pegou a luva de forno da bancada. Olhou para mim com um sorriso brincalhão, colocou-a na mão e a posicionou ao lado da cabeça.

“Srta. Blythe”, ela disse, com uma voz aguda e divertida, movimentando a mão como se fosse um fantoche. “Sempre fazemos algumas perguntas pessoais às celebridades que vêm ao Programa de Entrevistas Pós-Jantar dos Ellington. Então nos diga: o que gosta de fazer para se divertir, hein? Costuma ir ao cinema?”

Ri desconfortavelmente, sem saber como entrar na brincadeira. “Hum, sim. Às vezes?” Eu nunca tinha ido ao cinema. E nunca tinha falado com um fantoche. Baixei os olhos e mexi na louça sobre a pia. Thomas chegou correndo na cozinha. “A mamãe está fazendo o programa de entrevistas de novo!”, gritou. Daniel veio atrás: “Pergunta alguma coisa pra mim, pergunta alguma coisa pra mim!”. A sra. Ellington manteve uma mão na cintura e a outra tagarelando. A voz saía fina pelo canto de sua boca. O sr. Ellington enfiou a cabeça pela porta para ver.

“Então, Daniel, qual é sua comida preferida? E não vale sorvete!”, disse o fantoche. Daniel ficou pulando enquanto pensava na resposta. Thomas gritava opções. “Torta! Eu sei que é torta!” A luva de forno da sra. Ellington disse ofegante. “TORTA! Mas não de ruibarbo, né? Eca!” Os garotos gritavam um por cima do outro, rindo. Fiquei só ouvindo. Nunca havia sentido nada

igual. A espontaneidade. A simplicidade. O conforto. A sra. Ellington me viu olhando da pia e fez sinal para que eu me aproximasse. Ela colocou a luva na minha mão e disse: “Temos um apresentador especial esta noite! Que maravilha!”. Então sussurrou para mim: “Vai em frente, pergunta pros meninos o que eles prefeririam fazer: comer minhocas ou a meleca de outra pessoa?”. Dei risada. Ela revirou os olhos e sorriu, como se dissesse: *Vai, acredita em mim, eles vão amar, esses bobos.*

A sra. Ellington me acompanhou até em casa aquela noite, o que nunca havia feito. Todas as luzes estavam apagadas. Ela me esperou destrancar a porta, para se certificar de que os sapatos do meu pai estavam à entrada. Então tirou o livro sobre o gnomo do bolso e o entregou para mim.

“Achei que pudesse querer de volta agora.”

Eu queria. Folhee o livro e pensei na minha mãe pela primeira vez naquela noite.

Agradei de novo à sra. Ellington pelo jantar. Quando chegou ao fim da calçada, ela se virou e disse: “O mesmo horário na semana que vem! Se não nos virmos antes”. Creio que ela sabia que nos veríamos.

7

Eu soube assim que você gozou dentro de mim. Seu calor me preencheu, e eu soube. Não podia te culpar por achar que eu estava maluca — fazia meses que estávamos tentando —, mas quase três semanas depois estávamos rindo juntos, deitados no chão do banheiro, como dois idiotas bêbados. Tudo havia mudado. Você não foi trabalhar aquele dia, lembra? Ficamos vendo filmes na cama e pedimos comida em casa em todas as refeições. Só queríamos ficar juntos. Você e eu. E ela. Eu sabia que era menina.

Eu não conseguia mais escrever. Minha mente divagava toda vez que eu tentava. Pensando em como ela pareceria e quem ela seria.

Passei a fazer aulas de exercícios pré-natais. Começávamos todas as sessões em um círculo, então nos apresentávamos e dizíamos de quantos meses estávamos. Eu ficava fascinada ao ver o que estava por vir, olhando para a barriga das outras mulheres no espelho enquanto seguíamos uma prática aeróbica que mal parecia valer a pena. Meu corpo ainda não tinha mudado, e eu mal podia esperar para ver nossa filha abrindo espaço para si. Em mim. No mundo.

Até caminhar pela cidade resolvendo coisas havia mudado. Eu tinha um segredo. Meio que esperava que as pessoas me

olhassem diferente. Queria tocar minha barriga ainda reta e dizer: *Vou ser mãe. É isso que eu sou agora.* Aquilo me consumia.

Certo dia, passei horas na biblioteca, folheando livros da seção Gravidez e Parto. Minha barriga tinha começado a aparecer. Uma mulher passou por mim, olhando as lombadas atrás de um livro em particular. Ela tirou da prateleira um guia desgastado sobre como dormir.

“De quanto tempo você está?”, perguntei.

“Seis meses.” Ela passou o dedo pelo sumário enquanto o examinava, então olhou para minha barriga e depois para meu rosto. “E você?”

“Vinte e uma semanas.” Assentimos uma para a outra. Ela parecia do tipo que antes fazia kombucha em casa e praticava spinning às seis da manhã, mas agora se contentava com sobras de purê e uma caminhada até o mercado para comprar fraldas. “Ainda nem pensei na questão do sono.”

“É o seu primeiro?”

Confirmei e sorri.

“É o meu segundo.” A mulher levantou o livro. “Sério, é só resolver a questão do sono e vai ficar tudo bem. Nada mais importa. Eu me fodi com isso da primeira vez.”

Meio que dei uma risada, e agradei pela dica. Uma criança começou a chorar do outro lado da biblioteca, e ela suspirou.

“É o meu.” Ela apontou por cima do ombro, então pegou outro exemplar do livro que procurava. A mulher o entregou para mim, e eu notei que ela tinha marcas de canetinha cor-de-rosa nas mãos. “Boa sorte.”

Ela me pareceu curvilínea e feminina ao se afastar. Tinha os quadris largos e o cabelo na altura do ombro amassado pelo tanto que conseguira dormir. Para mim, era óbvio que ela era mãe. Seria sua aparência, ou o jeito de andar? Era por que parecia ter mais com o que se preocupar do que eu? Quando aquilo aconteceria comigo, aquela passagem? Como eu estava prestes a mudar?

*image
not
available*

9

“Pode ser hoje.”

O bebê pesava e parecia ter descido naquela manhã, e eu sonhara a noite toda com o líquido amniótico ensopando a cama. O pânico veio depressa e me levou para um lugar que eu tinha evitado conscientemente durante todas as quarenta semanas de gravidez. Sussurrei comigo mesma enquanto fervia a água do chá. *Tudo bem se ela vier. Tudo bem se chegar a hora. Tudo bem ter este bebê.* Eu me sentei à mesa da cozinha e fiquei escrevendo aqueles mantras em um pedaço de papel, uma e outra vez, até você entrar.

“Já coloquei a cadeirinha no carro. Vou ficar com o celular na mão o dia todo.”

Escondi o papel sob o jogo americano. Você me beijou e foi trabalhar. Eu sabia.

Às sete e meia daquela noite, estávamos no chão do quarto juntos, meus joelhos marcados pelas ranhuras do antigo piso de parkê. Você pressionava meus quadris enquanto eu tentava respirar de maneira profunda e regular. Tínhamos praticado aquilo. Tínhamos feito aulas. Mas eu não conseguia encontrar aquela tranquilidade que me haviam prometido, a intuição que supostamente apareceria. Você acompanhava o progresso, os minutos e as contrações. Com seus garranchos. Arranquei a tabela das suas mãos e a joguei contra você.

*image
not
available*

1962

Etta abriu a torneira da banheira para lavar o cabelo comprido e emaranhado de Cecilia. Ela tinha cinco anos, e não a faziam penteá-lo com frequência. Seus cotovelos se fincaram na cerâmica verde-abacate.

“Inclina a cabeça”, Etta disse, e a puxou com força. Ela inclinou a cabeça dela alguns centímetros, até que Cecilia estivesse sob o jorro de água fria. A menina ofegou, engasgou e se debateu, até que conseguiu se soltar dos dedos de Etta, que apertavam sua pele. Quando recuperou o fôlego, levantou o rosto e viu que Etta a encarava. Etta nem piscou. Cecilia sabia que não havia acabado.

Etta agarrou suas orelhas e a forçou a voltar para debaixo da água. As narinas de Cecilia arderam ao se encher. Começava a parecer que sua cabeça flutuava para longe.

Então Etta a soltou. Ela arrancou o tampão mofado do ralo e saiu do banheiro.

Cecilia não se moveu. Tinha se cagado durante a briga e ficara ali, tremendo, suja e com frio, até pegar no sono.

Quando acordou, Etta já tinha ido para a cama. Henry chegara do trabalho e estava sentado na sala, assistindo à TV enquanto comia um prato de rosbife requentado. O papel-alumínio estava cuidadosamente dobrado sobre a mesa para ser reutilizado no dia seguinte.

*image
not
available*

“Me dá aqui. Dorme um pouco.”

“A bebê me odeia.”

“Shhh.”

Tinham me alertado para os primeiros dias, tão difíceis. Tinham me alertado para os seios parecendo bolas de concreto. Para as mamadas curtas e frequentes. A lavagem do períneo. Eu havia lido todos os livros. Havia feito minha pesquisa. Ninguém falava no sentimento de ser despertada após quarenta minutos de sono, com os lençóis manchados de sangue, apavorada pela consciência do que viria a seguir. Eu me sentia a única mãe no mundo que não sobreviveria àquilo. A única mãe que não conseguia se recuperar da sutura que ia do ânus à vagina. A única mãe que não podia suportar a dor das gengivas de uma recém-nascida cortando seus mamilos como uma lâmina de barbear. A única mãe que não conseguia fingir ser funcional com o cérebro afetado pela falta de sono. A única mãe que olhava para a filha e pensava: *Por favor, vai embora.*

Violet só chorava quando estava comigo; parecia uma traição. Esperava-se que quiséssemos uma à outra.

*image
not
available*

12

Um mês com a enfermeira noturna ajudou. Violet e eu emergimos da névoa e encontramos uma rotina. Eu focava bastante naquela rotina. Nosso dia era amparado por dois momentos: você saindo para trabalhar e você chegando em casa. Eu só precisava mantê-la viva naquele meio-tempo. Uma coisa por dia — esse era sempre meu objetivo. Algumas compras. A consulta pediátrica. Trocar um macacão que eu havia comprado e ficara pequeno antes que ela pudesse usá-lo. Café com muffin. Eu me sentava em um banco no parque frio e focava nos pedaços secos de farelo enquanto olhava para ela, toda encapotada, e esperava pelo horário da soneca.

Eu tinha conhecido um pequeno grupo de mulheres na aula de exercícios pré-natais que haviam tido bebês mais ou menos na mesma época. Não éramos íntimas, mas em algum momento me incluíram num grupo de e-mails. Elas me convidavam para uma caminhada ou para almoçar em algum lugar que pudesse acomodar nossa brigada de carrinhos. Você adorava quando eu marcava algo com elas — estava ansioso para que eu fosse como as outras mães. Era mais por sua causa que eu ia. Para mostrar que era normal.

Assim como o dia a dia de cada uma, nossas conversas seguiam uma rotina mundana. Como, quando e onde os bebês haviam dormido, quando comiam e em que quantidade, o plano de introdução de alimentos sólidos, a creche ou a babá, que

*image
not
available*

número. Ela nunca entrou em contato, e nunca mais nos esbarramos.

Ainda penso nela de vez em quando. E me pergunto se ela acabou sentindo que havia conquistado alguma coisa, se hoje olha para Harry e sabe que se saiu bem como mãe, que criou uma boa pessoa. Eu me pergunto como é essa sensação.

*image
not
available*

Os passos do meu pai se dirigiram para a cozinha. Ouvi o fundo pesado de dois copos de vidro tocando a bancada, então uísque sendo servido. A bebida a acalmou. Eles tinham terminado. Eu conhecia aquela parte da rotina — o momento em que ela se cansava e meu pai bebia até cair no sono.

Mas, aquela noite, ela queria conversar.

Escorreguei as costas pela parede e me agachei no chão. Fiquei sentada ali pela próxima hora, ouvindo-a falar com ele, os fragmentos de seu passado queimando na minha mente pela primeira vez.

Aquela noite, meu pai dormiu no quarto com ela, o que raramente fazia. Quando acordei, já de manhã, a porta estava fechada. Fiz meu café da manhã e fui para a escola, e naquela noite os dois não brigaram. Estavam calmos e foram educados. Fiz a lição de casa. Vi minha mãe tocar as costas do meu pai ao colocar o prato de frango passado do ponto à frente dele. Meu pai agradeceu e a chamou de “querida”. Ela estava se esforçando. Ele estava disposto a perdoar.

Nos anos seguintes, isso se tornou algo que eu fazia com frequência. Meu coração acelerava quando, da cama no andar de cima, eu ouvia o nome de Etta, sabendo que algo tinha feito minha mãe disparar a falar novamente. Eu mal respirava para poder ouvir cada palavra que ela dizia ao meu pai. Aquelas noites raras eram como presentes para mim, embora minha mãe nunca tenha ficado sabendo. Eu estava desesperada para saber quem ela era antes de se tornar minha mãe.

Eu comecei a compreender, durante as noites sem dormir, repassando mentalmente o que havia ouvido, que todos crescemos a partir de algo. Que levamos a semente adiante, e que eu era parte do jardim dela.

*image
not
available*

15

O tempo passa tão rápido. Aproveite cada momento.

Mães falam do tempo como se fosse a única moeda que existe.

Dá para acreditar? Dá para acreditar que ela já está com seis meses? Outras mulheres me diziam isso, quase cantarolando, empurrando os carrinhos para a frente e para trás na calçada enquanto os bebês dormiam sob cobertorzinhos finos e caros, as chupetas se movimentando. Eu baixava os olhos para Violet, que me encarava de onde estava deitada, agitando os punhos, com as pernas rígidas, querendo mais, mais, mais. Eu me perguntava como tínhamos chegado tão longe. Seis meses inteiros. Pareciam seis anos.

É o melhor trabalho do mundo, não é? A maternidade? Foi o que a médica me disse quando levei Violet para tomar vacina. A mulher tinha três filhos. Conteí a ela sobre minhas hemorroidas recorrentes, do tamanho de uvas, sobre quanto tempo fazia que eu e você não transávamos, e como eu não pensara no seu pênis nem por um momento. Ela abriu um sorriso e ergueu as sobrancelhas — *É. Eu entendo. De verdade.* Como se eu fosse parte do clube agora, estando a par de verdades tácitas. Só não consegui dizer a ela que eu sentia que havia envelhecido um século desde que tinha dado à luz. Que Violet fazia cada hora que passávamos juntas mais longa. Que os meses se arrastavam tão lentamente que eu às vezes jogava água fria no rosto durante o dia

*image
not
available*

Em algum momento em nosso sétimo mês juntas, Violet finalmente começou a dormir por mais de vinte minutos a cada vez. Eu voltei a escrever. Não contei isso a você — você insistia sempre para eu cochilar quando ela dormia durante o dia e, quando chegava em casa, perguntava se eu tinha descansado. Era a única coisa com que você se preocupava. Você me queria alerta e paciente. Me queria descansada, para eu poder cumprir com meus deveres. Antes, você costumava se preocupar comigo como pessoa — minha felicidade, as coisas que me faziam bem. Agora eu era uma prestadora de serviços. Você não me via como mulher. Eu era apenas a mãe da sua filha.

Então, na maioria dos dias, eu mentia para você, porque era o jeito mais fácil. Sim, eu cochilei. Sim, descansei um pouco. Mas, na verdade, eu vinha trabalhando em um conto. As frases jorravam de mim. Eu não me lembrava de outro momento em que as palavras fluíssem com tanta facilidade. Estava preparada para o oposto acontecer; outras escritoras com bebês alertavam para a energia drenada e o cérebro que não funcionava tão bem quanto antes, pelo menos no primeiro ano. Mas eu parecia ganhar vida quando ligava a tela do computador.

Violet acordava após duas horas, como um relógio, e eu estava sempre mergulhada no trabalho — eu me sentia em outro lugar, física e emocionalmente. Adquiri o hábito de deixá-la

*image
not
available*

18

Minha mãe não aguentava ficar em espaços apertados. A despensa da casa onde moramos na minha infância não era utilizada, suas prateleiras empoeiradas eram pontilhadas pelas fezes dos ratos que entravam atrás de amendoim velho ou um saco de açúcar aberto. O galpão do quintal ficava trancado. A entrada do porão, que tinha teto baixo, ficava bloqueada por três sarrafos de madeira, fixados por pregos enferrujados que a própria Cecilia havia martelado.

Quando tinha oito anos, em um dia insuportavelmente quente de agosto, eu me sentei do lado de fora da nossa casa abafada enquanto via minha mãe fumar à mesa de plástico sobre a grama amarelada e seca que cobria nosso quintal de um lado ao outro da cerca enferrujada de tela de arame. O silêncio pairava no ar, como se nem mesmo os sons da vizinhança conseguissem atravessar o ar denso que eu tinha dificuldade em puxar para os pulmões. Mais cedo naquele dia, eu havia ido à casa dos Ellington, e a sra. Ellington tinha nos mandado para o porão, que era frio e úmido, e foi um alívio. Fizemos um piquenique ali. Ela nos levou um cobertor, ovos cozidos e suco de maçã em copos de papel com bexigas desenhadas que haviam sobrado da festa de aniversário de Daniel. Perguntei à minha mãe se podíamos descer ao nosso porão. Ela não podia tirar as tábuas? Não podíamos usar a parte

*image
not
available*

excitada com o mundo que a cercava, então nos inscrevi em aulas de música e na natação. Você voltou a gostar de mim — aprovava aquela versão minha, e a sensação era boa. Eu tinha muito a provar. Nos mantínhamos ocupados. E eu ficava quieta.

Houve bons momentos? Claro que sim. Uma noite, pus música para tocar enquanto limpava a cozinha. Tinha comida em toda parte — em toda a minha roupa, no meu rosto e no chão. Ela ria na cadeirinha enquanto eu dançava com o batedor de ovos na mão. Ela esticou os braços para mim. Eu a peguei e girei pela cozinha, ela jogou a cabeça para trás e gritou. Percebi que nunca havíamos tido aquele tipo de experiência juntas — nunca tínhamos encontrado o conforto, a tolice, a diversão. A sra. Ellington e seu fantoche. Talvez pudéssemos ter aquilo também. Mas eu estava sempre procurando o que havia de errado conosco. Eu a enchi de beijos e ela se afastava e me encarava — estava acostumada com aquele tipo de afeto vindo apenas de você. Ela se aproximou do meu rosto com seus lábios úmidos abertos e soltou um *ahhhh*.

“É. Estamos tentando, certo?”, sussurrei.

Você pigarreou. Estava nos observando da porta. Sorriu. Eu vi o alívio quando seus ombros relaxaram. Éramos o retrato da perfeição na cozinha. Depois de se trocar, você serviu duas taças de vinho, deu um beijo na minha cabeça e disse:

“Eu estava pensando... você devia voltar a escrever.”

Eu tinha passado em qualquer que fosse o teste ao qual você me havia submetido. Queríamos desesperadamente que a vida fosse boa; ambos tínhamos esperança de que poderia ser. Enfiei o nariz no pescocinho grudento de Violet e peguei uma taça de vinho da sua mão.

*image
not
available*

De volta à cozinha, você fez queijo-quente para nós dois enquanto eu limpava a sujeira do café. Você cantarolava e me tocava sempre que eu estava a seu alcance. Ela falava de novo e de novo, então esperava pela sua reação, chutando o ar do cadeirão: *Mamãe. Mamãe.*

*image
not
available*

Então, Cecilia percebeu pela primeira vez que tinha certo poder sobre Etta. Ela podia deixá-la nervosa. Podia fazê-la perder o controle. Poderia subir e fingir tentar de novo, mas queria saber até onde Etta iria caso ela a ignorasse. Estavam trocando tiros.

“AGORA, CECILIA.”

Etta estava tremendo. Ela gritou de novo. Agora! Agora! Toda vez que gritava, a raiva circulava por seu corpo, como uma droga. Cecilia podia ver a vergonha em seu rosto quando o barato passava.

Muitos anos depois, ela mesma conheceria a sensação.

Henry chegou à cozinha bem quando Etta voltava a abrir a boca. De alguma maneira, ela conseguiu se acalmar para lhe servir o café. Cecilia correu porta afora, sem o vestido.

Ela esperou escurecer para voltar para casa naquele dia, querendo garantir que Henry estivesse lá. Etta nem olhou para ela. A menina foi para cima e viu que a mãe havia pego o vestido do quarto. Alguns minutos depois, Etta estava à porta de Cecilia, com o tecido amarelo dobrado nas mãos. Ela se sentou na cama e esticou o vestido aberto. Ela o havia descosturado e acrescentado emendas nas laterais. Parecia quadrado e torto, mas ela havia tentado.

“Você pode guardar para o próximo baile.”

Cecilia pegou o vestido e correu os dedos pelo acabamento em seda, depois a abraçou. Etta ficou rígida em seus braços.

Alguns meses depois, Cecilia usou o vestido no baile de encerramento do ano letivo. Ela ficou sentada no canto do ginásio, desconfortável, tentando esconder o caimento ruim. Não se trocou quando chegou em casa — usou o vestido durante todo o jantar. A mãe não fez nenhum comentário, tampouco Henry, e ela nunca mais usou o vestido.

*image
not
available*

com outros adultos, por medo de não dizer coisa com coisa. Meu ressentimento de vocês dois proliferou. Eu odiava ouvi-lo respirar profunda e regularmente quando eu voltava para a cama, e às vezes puxava o lençol na esperança de tirá-lo do lugar onde eu queria desesperadamente estar.

Sugeri que Violet ficasse na creche alguns dias por semana. Você tinha dito logo no começo, antes mesmo que ela nascesse, que não gostava da ideia de creche. Sua mãe havia criado os filhos em casa até completarem cinco anos e irem à escola. Você queria o mesmo para os seus filhos. Eu tinha concordado, cegamente, de todo o coração. Faria o que você achava que mães perfeitas faziam.

Mas isso tinha sido antes.

Encontrei um lugar a três quarteirões de casa que tinha vaga para o outono. Eu ouvira pessoas elogiando o lugar, que tinha câmeras para os pais poderem assistir a tudo remotamente. A verdade era que eu às vezes ficava triste pelos bebês de creche, quando os via alinhados como ovos na bandeja em seus carrinhos coletivos, empurrados pela cidade por funcionários cansados e mal pagos, em busca de alguma distração. Mas havia pesquisas positivas sobre bebês em ambientes educacionais — maior socialização, mais estímulos, desenvolvimento acelerado etc. Eu te enviava os artigos de tempos em tempos. No jantar, tomava o cuidado de enfatizar o conflito interno que você queria que eu tivesse. Talvez Violet precisasse de mais estímulo agora. Talvez já fosse a hora. Mas talvez fosse melhor ficar em casa. Por causa da soneca e tudo o mais. *O que você acha?*, eu perguntava, fingindo preocupação, embora ambos soubéssemos a resposta pela qual eu ansiava.

*image
not
available*

Eu não podia lhe contar a verdade: que eu desconfiava que havia algo de errado com nossa filha. Para você, o problema era eu.

“Toma.” Você a entregou a mim. Ela chupava um pedaço de queijo que você tinha lhe dado. “Ela está calma. Está bem. Só dá um abraço nela. Mostra que a ama.”

“Fox, não se trata de amor. Ou de afeto. Eu tento isso o tempo todo.”

“Só segura ela.”

Eu a pus no colo e esperei que me rejeitasse, mas ela só ficou sentada ali, satisfeita, chupando o queijo empapado. Ficamos olhando enquanto você abria sua pasta. “Dada”, ela disse. “Baba.”

Você deu a ela a mamadeira que estava sobre a mesa de centro e ela se aconchegou em mim.

“Acho que você não entende”, falei, baixo, tomando cuidado para não perturbá-la. Seu peso sobre meu corpo era reconfortante, e comecei a me acalmar. Eu me sentia como alguém experimentando o contato humano de novo depois de ter ficado à deriva no mar. Passei o dedo por sua testa, penteando a leve franja para trás. Violet deixou que eu a beijasse. Ela afastou a mamadeira da boca e suspirou — estávamos ambas muito cansadas de brigar uma com a outra.

“Você está dormindo durante a soneca dela?” Você também falava baixo, avaliando-nos.

“Não consigo”, eu soltei, toda a calma se esvaindo do meu peito. Ela se afastou de mim. “Tenho coisa demais para fazer. Roupa para lavar. Estou tentando escrever. Minha mente não para de girar.”

Joguei a mamadeira na mesa de centro e espirrou leite nas páginas que eu havia imprimido. Eu tinha pensado em mostrá-las

*image
not
available*

Violet acertou o fogão com o batedor de arame enquanto segurava o pé da boneca na outra mão.

“Ele é incrível. É... o pai perfeito.” Era o que ela queria ouvir, e de certa forma era verdade.

Sua mãe sorriu para si mesma, pegou um limão-siciliano e ficou olhando para Violet por um momento antes de fazer raspas da casca. Eu me inclinei para pegar Violet e levá-la para o banho. Ela recuou ao meu toque, e eu soube que a tinha irritado — meu estômago se retorceu. Violet fez birra, jogando o corpo contra o piso de ladrilho.

“Vamos, querida, hora do banho.” Eu não queria brigar na frente da sua mãe. Peguei-a enquanto chutava e gritava, e a levei para o banheiro. Fechei a porta e abri a torneira. Sua mãe bateu alguns minutos depois e perguntou bem alto, por cima do choro:

“Posso ajudar?”

“Ela só está de mau humor, Helen. É cansaço.” Mas sua mãe entrou mesmo assim. Àquela altura, eu estava ensopada, e Violet estava quase roxa de raiva. Enxaguei seu cabelo ensaboado enquanto segurava com força debaixo de seu braço. Quando a levantei, ela mal conseguia respirar, por causa dos gritos. Sua mãe ficou olhando e passou a toalha.

“Posso pegá-la?”

“Ela vai ficar bem”, eu disse, e segurei Violet firme, para controlá-la. Mas os dentinhos dela cortaram a carne da minha bochecha antes que eu pudesse afastar o rosto — ela me mordera. Gritei por entre os dentes cerrados e tentei afastar sua cabeça, mas ela me abocanhara com força. Sua mãe arfou e abriu o maxilar da neta com os dedos. Ela pegou Violet de mim e disse apenas: “Meu Deus”.

*image
not
available*

24

As lembranças vívidas da minha infância começam quando eu tinha oito anos. Eu queria não precisar recorrer somente às lembranças, mas é assim. Algumas pessoas enquadram sua perspectiva do passado com a ajuda de velhas fotografias ou das mesmas histórias contadas mil vezes por alguém que as ama. Eu não tive nada disso. Nem minha mãe, e talvez isso fosse parte do problema. Só tínhamos uma única versão da verdade.

Uma coisa me ocorre: o forro branco do meu carrinho, as florezinhas azul-escuras, o bordado inglês com passa fita, o meio do puxador cromado envolto em vime. Os nós dos dedos da minha mãe, sob as luvas amarelo-canário, se elevando sobre mim. Não consigo ver seu rosto me olhando, apenas sua sombra se aproximando de vez em quando, quando ela vira uma esquina e o sol fica para trás. Não é possível que eu me lembre dessa época, eu sei. Mas sinto o cheiro de fórmula infantil azeda, talco e fumaça de cigarro, e ouço o som dos ônibus lentos da cidade trazendo as pessoas para jantar em casa.

Às vezes penso nisso em relação a Sam.

Do que ele se lembraria? Da grama áspera no morro do parque ou do cobertor laranja sobre o qual o púnhamos, com três rostos pairando sobre ele, como guarda-chuvas? Talvez do cheiro

*image
not
available*

“Não tem nada de errado com ela.”

Com ela. Não tinha nada de errado com ela, você dissera.

No café da manhã, sua mãe contou sobre o fim de semana encantador das duas. Você estava radiante por ter voltado para sua filha, e a balançava num joelho.

“Então correu tudo bem?”, perguntei em voz baixa a sua mãe depois, enquanto enchíamos a lava-louça.

“Ela foi um anjo. De verdade.” Sua mãe acariciou a parte inferior das minhas costas por um momento, como se para aliviar a dor que sabia que eu carregava. “Acho que ficou com saudade de vocês dois.”

*image
not
available*

Eu queria que ela se sentisse uma mãe melhor do que de fato era. Precisava que ela fosse uma mãe melhor do que de fato era. Voltei a pegar os versos e os li em voz alta, com a voz trêmula sobre os ruídos da sala.

“Rosas são vermelhas, violetas são azuis, você é a melhor mãe do mundo...” — fiz uma pausa e engoli em seco — “te amo, minha luz.”

Ela manteve os olhos abaixados ao tirar os versos das minhas mãos.

“Mais cinco minutos, turma!”

“Te vejo em casa, está bem?” Minha mãe tocou o topo da minha cabeça, pegou a bolsa e foi embora. Vi a sra. Ellington segui-la com os olhos.

Minha mãe ainda estava com o terninho cor de pêssego quando cheguei em casa, e tinha feito torta de carne moída com batata para o jantar. Meu pai puxou a cadeira para se sentar, dizendo que estava morto de fome.

“E então? Contem tudo sobre o chá de Dia das Mães.”

O purê de batata caiu com um baque no prato dele. Minha mãe não disse uma palavra. Ele virou para mim e ergueu as sobrancelhas. “Como foi Blythe?”

“Legal.” Tomei um gole de leite. Ela colocou a travessa recém-saída do forno na mesa, e largou uma colher do lado.

“Meu Deus, a madeira.” Meu pai pulou para pegar um pano de prato e queimou os dedos ao levantar a travessa para colocá-lo embaixo. Ele lançou um olhar penetrante para minha mãe, mas ela nem pareceu notar.

“Fiz flores de papel para a mamãe.”

*image
not
available*

estar ficando vermelho. Estava constrangida por termos criado um ser humano que agia daquela maneira. Olhei para a janela, para o parquinho coberto de pedrinhas. Pensei na agressividade que ela demonstrara quando mais nova. Em quão pouca empatia via nela agora. Eu não tinha dificuldade em imaginá-la fazendo tudo aquilo.

“Sim, ela pede desculpas quando alguém diz que deve pedir”, a professora disse, hesitante, quando você perguntou a respeito. “Ela é esperta. Sabe que seu comportamento machuca os outros, mas isso não parece detê-la, como seria de esperar. No momento, acho que precisamos introduzir a ideia de consequências.”

Concordamos com sua estratégia e agradecemos pela reunião.

“Olha, isso não é bom, mas toda criança passa por esse tipo de coisa. Testar os limites. Ela deve estar entediada aqui. Viu todas aquelas porcarias de plástico espalhadas? Parecia uma sala para bebês. Quanto é que pagamos a eles mesmo?”

Fiquei vendo as bolhas subindo na sua taça. Tínhamos saído para beber alguma coisa, por sugestão minha. Achei que aliviaria a tensão entre nós.

“Vamos falar com ela”, você ponderou sozinho. “É claro que tem algo acontecendo que a leva a fazer isso.”

Assenti. Sua reação não fazia sentido para mim. Você era uma pessoa tão sensata em todos os aspectos. No entanto, quando se tratava de sua filha, não agia de forma racional. Defendia a menina cegamente.

“Não vai dizer nada?” Você estava bravo.

“Eu... estou chateada. Decepcionada. E, sim, vamos falar com ela...”

“Mas?”

“Mas não posso dizer que estou surpresa.”

*image
not
available*

sem comprar nada. Meu coração acelerava conforme me aproximava de casa. Eu passara o dia verificando o celular, certa de que a professora ligaria.

“E aí?” Eu estava quase sem fôlego.

“A professora disse que ela teve um ótimo dia.” Você bagunçou os cabelos de Violet enquanto ela enrolava o espaguete no garfo. Violet olhou para mim e chupou um fio de macarrão pelo espaço entre os dentes da frente.

Mais tarde, antes de ir para a cama, enquanto eu recolhia as roupas dela para colocar na máquina de lavar, encontrei um tufo enorme de cabelo loiro encaracolado no bolso do vestido que Violet havia usado na escola aquele dia. Fiquei olhando para aquilo. A sensação de ter o cabelo de outra pessoa na minha palma era perturbadora. Então me dei conta de quem eram os fios. Do pequeno, tímido e pálido Noah, com a cabeça cheia de cachos bagunçados. Fui para o corredor, incerta quanto ao que fazer.

“Fox?”

“Tenho algo pra você”, eu te ouvi dizer da sala. Sua voz estava mais aguda que de costume. Fechei o punho em torno do cabelo. Você estava sentado no sofá e me entregou uma caixinha. Então lembrei que aquele era o dia da sua avaliação anual. Você tinha sido promovido. Tinha recebido um aumento.

“Você faz tanto por nós”, você disse, com o nariz na minha testa. Abri a caixinha. Dentro, havia uma corrente dourada com um pequeno pingente com a letra *V* gravada. Eu o ergui e segurei contra o pescoço. “As coisas não estão muito fáceis no momento, mas eu te amo. Você sabe disso, né?”

Você tirou minha blusa. Disse que me queria.

*image
not
available*

Você queria uma mãe perfeita para sua filha perfeita, e não havia espaço para nada mais.

Na manhã seguinte, o desenho de Violet tinha desaparecido da bancada. Não o encontrei no lixo. Verifiquei o cesto da cozinha, o do banheiro, o que ficava perto da minha escrivaninha. Nunca perguntei o que você fez com ele.

No funeral, o padre falou sobre como Deus tem um plano para todos nós, e sobre como a alma de Elijah não fora feita para envelhecer. Eu não era capaz de conciliar aquilo com o que temia que realmente tivesse acontecido no parque na semana anterior, depois da escola.

Eu achava que tinha visto alguma coisa acontecer logo antes de o pobre garoto cair de cima do escorregador.

Estava muito cansada. Violet voltara a ter dificuldade para dormir — pedia água, queria que a luz ficasse acesa. Fazia semanas que eu não dormia a noite toda. Talvez não estivesse pensando direito.

Eu diria que foram dez segundos. O tempo que Violet ficou olhando Elijah correr do outro lado do brinquedo até o topo do maior dos escorregadores, onde ela estava. Ela manteve as mãos atrás das costas e os olhos no menino. Ele foi na direção dela, ao longo da ponte trêmula, de boca aberta, gritando, o ar fresco do outono soprando seu cabelo comprido.

O baque quando ele atingiu o chão tivera um toque agudo. *Tump*. Foi mais assim.

Ela olhara para mim sem nenhum remorso no olhar. Mesmo depois de perceber, no cascalho abaixo dela, que o corpo do menino, de camiseta listrada e calça jeans amarrada na cintura,

*image
not
available*

Que eu sempre achara aquele parquinho perigoso. Que não parava de pensar na pobre mãe.

*image
not
available*

“Receio que hoje não seja um bom dia.” O sr. Ellington estava à porta, com um pano molhado na mão. Eu tinha batido de tempos em tempos ao longo de cinco minutos, até que ele atendera. Thomas e Daniel estavam na casa da tia, ele disse. A sra. Ellington não se sentia bem. Ele deve ter visto a decepção no meu rosto, porque, quando virei para voltar para casa, pôs a mão no meu ombro.

“Espere um minuto, Blythe. Vou ver se ela quer companhia.” Fiquei esperando no corredor da entrada até ele voltar. “Pode subir. Ela está na cama, descansando.”

Eu nunca havia entrado no quarto deles, mas sabia que era a porta no fim do corredor. Estava nervosa — era um espaço privado —, mas me sentia especial. A porta estava entreaberta. Entrei em silêncio, e a sra. Ellington se sentou na cama.

“Pode entrar, querida. Que bela surpresa ver você hoje.” Ela não usava maquiagem e um lenço de seda envolvia seus cabelos. Seus olhos pareciam menores e suas sobrancelhas, mais finas, mas ela seguia linda como sempre. A sra. Ellington deu algumas batidinhas no espaço a seu lado na cama, e me perguntei se devia chegar tão perto, se não não estava incomodando. Mas ela repetiu o gesto, então me sentei e pousei as mãos educadamente sobre as pernas.

“Não estou com uma cara boa hoje, não é?”

*image
not
available*

Violet voltara a dormir a noite toda, e a névoa que confundira meu cérebro parecia dissipada.

Você chegara em casa um dia e abrira o laptop na listagem de imóveis do site de uma corretora. Eu nem sabia que você estava procurando.

Pelos próximos dois meses, nós três passamos todos os fins de semana ali, quebrando coisas com ferramentas emprestadas e nos reunindo com trabalhadores que faziam o que não erámos capazes de fazer. Concordamos que não tínhamos como bancar uma reforma completa no momento, mas algumas coisas não podiam esperar: os pisos, os banheiros. Seu olho treinado de arquiteto fez a lista crescer. Na semana da mudança, seus pais vieram ajudar com Violet enquanto empacotávamos e desempacotávamos tudo. Eles a levaram para se despedir do apartamento antes de entregarmos as chaves. A cerimônia foi por conta da sua mãe, não minha. Em algum ponto do caminho, eu perdera o apego sentimental ao lugar no qual nossa família começara. Você também — notei o alívio em seu rosto quando deixamos aquele prédio pela última vez. O modo como soltou as chaves dentro do envelope de papel pardo e o jogou sobre a mesa da portaria.

Violet ficou com seus pais num hotel no centro e nós dois trabalhamos até as duas da manhã. Levei as coisas de bebê dela, guardadas em cestos plásticos, para um dos quartos menores, no andar de cima.

“Não é melhor deixar no porão?”, você perguntou.

“Vamos acabar precisando, mais cedo ou mais tarde.”

Você respirou fundo. “Já chega por hoje.”

Dormimos no colchão, no meio do piso do nosso novo quarto. Nós nos esquecemos de ligar o aquecedor, então ficamos de calça

*image
not
available*

Eu queria outra chance de ser mãe.

Não podia admitir que o problema era eu.

Eu costumava apontar para os bebês no caminho até a escola de Violet. *Não seria legal? Ter um irmãozinho?* Ela raramente respondia. Cada vez mais, vivia em seu próprio mundo, mas àquela altura a distância que havia surgido entre nós tornava a vida mais fácil, de certa maneira. Víamos a mesma mãe na entrada da escola todas as manhãs, com o bebê recém-nascido no colo enquanto se curvava com cuidado para se despedir com um beijo da criança mais velha.

“Deve ser bem trabalhoso, dois filhos”, eu disse uma vez, sorrindo.

“É exaustivo, mas vale a pena.” *Vale a pena.* De novo a mesma frase. Ela saltitou e deu palmadinhas na cabeça do filho. “Ele é um bebê tão diferente. É uma experiência totalmente diferente do segundo.”

Diferente.

Violet à porta do nosso quarto, com as mãos nas laterais do corpo. Ela se recusou a ir embora até que eu respondesse o que estávamos fazendo. Então eu expliquei. Quando duas pessoas se amam, gostam de ficar juntas de um jeito especial. Ficamos em silêncio, todos nós, ali no escuro. Então ela voltou para seu quarto. Devíamos reconfortá-la, eu disse. Devíamos ir ver se ela estava bem.

“Então vai lá”, você falou. Mas eu não fui. Rolamos para longe um do outro, em uma disputa que não fazia sentido para mim.

Não nos falamos pela manhã. Fui tomar um banho sem ter servido o café para você. Quando estava indo para a cozinha,

parei no meio da escada e fiquei ouvindo sua conversa com Violet durante o café da manhã. Ela disse que me odiava. Que queria que eu morresse para poder viver só com você. Que ela não me amava. Tais palavras teriam destroçado o coração de qualquer outra mãe.

Você disse a ela: “Violet, ela é sua mãe”.

Podia ter dito muitas outras coisas, mas essas foram as palavras que você escolheu.

Naquela noite, implorei sem qualquer vergonha para que tentássemos de novo. Só mais uma vez. E você concordou.

34

A mãe estava com a roupa de academia que sempre usava quando ia deixar o filho na escola, a camiseta levemente amassada. O cabelo acusava os esforços do dia anterior. Ao lado dela, o filho tirou o boné. O pátio da escola vibrava com a energia matinal, as barrigas cheias de cereal, os rostos inchados pelo sono. Ela se agachou. Ele encontrou sua posição no pescoço dela. De onde eu estava, dava para ver que havia dor no rosto do menino. As mãos dela se fecharam em torno da cabeça dele como as pétalas de uma flor. A boca dela se moveu devagar à altura da orelha do menino. Ele se enroscou nela. Precisava dela. Atrás dele, o barulho aumentou, com gritos e a batida de uma bola de basquete no cimento.

A mãe desceu as mãos pelos ombros estreitos do menino e ele se afastou, abrindo o peito diminuto, mas então foi puxado de volta. Dessa vez, era ela quem precisava dele. Foi o rosto dela no pescoço dele, por três segundos, talvez quatro. A mãe voltou a falar. Ele apertou os olhos. Assentiu, colocou o boné, baixou a aba e foi embora. Não devagar, não hesitante, mas com expectativa, com pressa, suas pernas levemente voltadas para dentro na altura do joelho. Ela não aguentava olhar, não naquela manhã. Deu as costas e foi embora, baixou os olhos para o celular, perdeu-se em algo que não a fazia sofrer como o filho fazia.

Pela primeira vez naquela manhã, minha barriga palpitou, como se houvesse uma rede com borboletas ali. O bebê caminhava dentro de mim. Violet deixara seu saco de fatias de laranja comigo e eu chupava o sumo morno, jogando o bagaço nas lixeiras enquanto seguia a outra mãe pela rua, através de dois cruzamentos. Ela parou para comprar sal em um mercadinho de esquina e eu a observei por trás de uma pirâmide de tomates. Queria ver o rosto dela. Queria ver se o carregava consigo. Eu me perguntava qual era a aparência — qual era a sensação — de ter aquele tipo de conexão com outra pessoa. Ainda não havia encontrado uma resposta quando a perdi, um quarteirão depois, em meio a um trecho movimentado de uma calçada em obras.

Aquele tipo de coisa acontecia ao redor da gente, Violet e eu, em uma língua que não falávamos. Eu estava desesperada para aprender. Para ser melhor com o bebê que viria depois.

No caminho de casa, passei por uma mulher montando um pequeno mercado de pulgas num canto da rua. Ela apoiou alguns quadros antigos contra um poste enquanto colava bolinhas coloridas atrás, indicando os preços. A mulher pegou uma moldura dourada elegante e olhou para ela, reflexiva, tentando decidir o preço. Fiquei atrás dela e me peguei levando a mão ao peito enquanto absorvia a pintura. Era de uma mãe sentada com uma criança pequena no colo — um bebê rosado vestido de branco que segurava o queixo da mãe com delicadeza, enquanto ela olhava para baixo. Um braço da mulher envolvia o meio do corpo da criança, e a outra mão segurava sua coxa diminuta. As duas cabeças se tocavam. Havia paz, calor e conforto em ambos. O vestido comprido e drapeado da mãe era de um lindo tom de pêssego, com flores cor de vinho. Eu mal conseguia falar para

poder perguntar o preço. Mas não importava — aquele quadro tinha que ser meu.

“Vou levar esse”, eu disse, enquanto a mulher o colocava de volta com os outros.

“A pintura a óleo?” Ela tirou os óculos e olhou para mim.

“Isso. A mãe com o filho.”

“É uma réplica de um quadro de Mary Cassatt. Não é o original, claro.” Ela riu como se eu devesse saber o absurdo que seria ter um quadro original de Mary Cassatt.

“É ela no quadro? A artista?”

A mulher negou com a cabeça. “Ela não teve filhos. Vai ver por isso gostava tanto de pintar mães.”

Carreguei o quadro debaixo do braço pelo resto do caminho de casa e o pendurei no quarto do bebê. Quando você chegou em casa aquela noite e me encontrou endireitando a moldura na parede, parou à porta e fez um barulho. Um “humpf”.

“O que foi? Não gostou?”

“Não é um quadro típico para um quarto de criança. Você pendurou fotos de filhotinhos no quarto de Violet.”

“Bom, eu adorei.”

Eu queria aquele bebê. O toque no rosto. A mão gordinha na minha. O amor palpável.

35

Violet observava em silêncio minha barriga se esticando e se transformando. Ele se mexia o dia todo, arrastando os calcanhares impossivelmente pequenos de um lado para o outro da minha barriga. Eu adorava me deitar no sofá com a blusa levantada, lembrando a nós todos de que ele estava ali. De que seríamos uma família de quatro pessoas.

“Ele está fazendo de novo?”, você perguntava da cozinha, enquanto terminava de lavar a louça.

“A mesma coisa”, ela gritava de volta, e todos ríamos.

Em algum momento, o bebê tinha motivado uma mudança em nosso relacionamento, embora eu não soubesse dizer exatamente qual. Éramos mais gentis um com o outro, embora também existisse uma nova distância ente nós, a qual você parecia preencher com mais trabalho. Aproveitei o espaço para me voltar para dentro. Para ele. Ficávamos felizes em ser o mundo um do outro, desde assim tão cedo. Mãe e filho.

Quando a técnica do ultrassom apontou para a massa de estática branca e disse “Tem um menininho aqui”, fechei os olhos e agradei a Deus pela primeira vez na vida. Guardei a notícia para mim por dois dias — você levou todo esse tempo para perguntar como tinha sido o ultrassom. Não era a sua cara — na minha primeira gravidez, você se preocupava a ponto de acompanhar todas as consultas. Agora, só nos encontrávamos à

noite, de passagem. Você tinha inúmeros projetos importantes em andamento, novos clientes com muito dinheiro. E eu precisava muito pouco de você. Tinha ele.

Violet quis me ajudar a avaliar as antigas roupinhas de bebê dela. Ficamos juntas na área de serviço e dobramos os macacõezinhos que saíam da secadora. Ela levava cada um ao nariz, como se recordasse o momento e o lugar em que o tinha usado. Deixei que vestisse uma blusinha de lã na boneca, e Violet fingiu cuidar dela como se fosse um bebê. Fiquei maravilhada com o zelo incomum com que tocava em tudo, com a suavidade em sua voz.

“Era assim que você fazia”, ela disse, balançando delicadamente a boneca duas vezes para a direita e depois duas vezes para a esquerda, então de novo para a direita.

A princípio, não entendi o que ela queria dizer — não me lembrava de fazer aquilo. Mas peguei a boneca, levantei e imitei o modo como Violet a embalava. A familiaridade do movimento me atingiu instantaneamente. Ela estava certa. Ri enquanto continuava balançando a boneca para lá e para cá, e Violet soltou uma risadinha, assentindo.

“Eu falei!”

“Você tem toda a razão.”

Parecia impossível que Violet pudesse se lembrar daquilo, que tivesse guardado isso com ela por todos aqueles anos. Ela colocou uma mão de cada lado da minha barriga enorme e repetiu o movimento com o bebê dentro de mim, embalando minha barriga com suas mãozinhas. Logo, estávamos dançando, nós três, ao ritmo da máquina de lavar em funcionamento.

Senti com a mão quando a cabeça dele passou pelo anel quente do colo do útero. A saída dele foi eufórica. Você ficou observando enquanto eu o guiava através da abertura do meu corpo e depois o levou, em silêncio, com cuidado, de volta ao lugar que ele ocupara por duzentos e oitenta e três dias. *Você está aqui.* Ele procurou por mim, arqueou as costas e começou a subir pela minha barriga, como um vermezinho coberto de vernix e sangue. A boca dele estava aberta e seus olhos vidrados ainda eram pretos. Suas mãozinhas enrugadas e retorcidas pareciam cobertas por um excesso de pele. Elas encontraram meu seio e seu queixinho tremeu. Ele era meu milagre. Eu o puxei até o mamilo e rocei o bico em seu lábio inferior, meus braços ainda tremendo por causa da ocitocina. *Pronto, menino lindo.* Ele era a criatura mais linda que eu já havia visto.

“Ele é igualzinho à Violet”, você disse, olhando por cima do meu ombro.

Mas, para mim, ele não parecia nada com ela. Era três quilos de algo tão puro, tão bem-aventurado, que parecia que poderia sair flutuando, como um sonho, como algo que eu nunca mereceria enquanto vivesse. Eu o segurei por horas, minha pele grudada à dele, até que me fizeram levantar para ir ao banheiro. O sangue saiu de mim para o vaso, e quando olhei para baixo, para aquela bagunça, por algum motivo pensei na nossa filha. Então

voltei devagar para meu filho, no bercinho transparente na saída do banheiro.

Eu lembro pouca coisa mais sobre como ele veio ao mundo.

Eu me lembro de tudo a respeito de como ele o deixou.

1969

Cecilia menstruou pela primeira vez quando tinha doze anos. Àquela altura, seus seios já eram maiores que os de qualquer outra menina da classe. Ela andava com os ombros voltados para a frente, tentando esconder os sinais de sua maturidade. Etta já não falava muito com ela, e certamente não abordara o assunto da puberdade. Outras meninas da escola tinham falado do sangramento, mas o coração de Cecilia parou quando ela viu a calcinha vermelha e molhada. Ela revirou o armário da mãe atrás de absorventes, mas não encontrou nenhum. Ela se dobrou de dor no chão do banheiro, viu o sangue escorrendo pela calça e decidiu que devia contar à mãe.

Etta não respondeu à batida na porta do quarto, mas não havia nada de incomum naquilo — eram três horas, e ela costumava dormir à tarde. Cecilia foi até a cama e sussurrou o nome de Etta até que ela acordou com um susto. Etta suspirou quando Cecilia lhe contou o que havia acontecido — se de dó ou aversão, a menina não saberia dizer.

“O que você quer de mim?”

Cecilia não respondeu, porque não sabia a resposta. Sentiu um nó na garganta. Etta abriu a gaveta da mesa de cabeceira e pegou dois comprimidos de uma nécessaire pequena, que escondia de Henry. Ela os entregou a Cecilia, enfiou a outra mão debaixo do travesseiro e fechou os olhos.

Cecilia olhou para os comprimidos brancos, colocou-os sobre a mesa de cabeceira e saiu do quarto. Encontrou a bolsa da mãe perto da entrada e pegou todos os trocados que havia ali para ir à farmácia. Seu rosto queimava quando ela pagou pelo absorvente, sem encarar o rapaz do caixa. Chegando em casa, ela preparou um banho quente. Etta entrou para usar o banheiro bem quando Cecilia entrava na banheira. Etta fez xixi de olhos fechados.

Mais tarde, Cecilia se viu à porta do quarto de Etta. Uma fúria pouco familiar subia por seu peito. Ela entrou e acendeu a luz. Ao pé da cama da mãe, com as mãos cerradas em punho, Cecilia se deu conta de que queria que Etta a machucasse. Apanhar dela pelo menos significaria que Cecilia existia no mundo triste e pequeno de Etta. Fazia meses que Cecilia sentia que estava morta para a mãe. Etta acordou e olhou para ela.

“Bate em mim, Etta”, ela disse, trêmula. “Vai. Bate em mim!”

Cecilia nunca havia chamado a mãe pelo primeiro nome.

A expressão de Etta estava vazia. Seus olhos foram do rosto trêmulo de Cecilia para o interruptor na parede, e ela suspirou de novo. Voltou a deitar a cabeça e fechou os olhos. Os passos de Henry percorreram o trajeto da entrada no andar de baixo até a cozinha. Ele tinha ido atrás do jantar, mas não havia nada. Não aquela noite. Os dois comprimidos que Etta havia dado a Cecilia continuavam sobre a mesa de cabeceira. Ela não sabia bem por que Etta não queria que Henry os visse. Ela os pegou, jogou na privada e apertou a descarga.

“Ela não está se sentindo bem de novo?” Henry enchia a chaleira de água quando Cecilia entrou na cozinha.

“Dor de cabeça”, disse. Eles eram tão bons mentindo um para o outro, fingindo que as coisas não eram tão ruins quanto de fato eram. Henry assentiu e voltou a procurar por sobras na geladeira.

Cecilia ligou o rádio para preencher o ar, de modo que eles não precisassem dizer mais nada.